

Teatro

29, 30, 31 Maio 2010

Hard to be a God

Que difícil é ser Deus!

Um espectáculo de Kornél Mundruczó

Integrado no alkantara festival 2010

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Autoria e encenação Kornél Mundruczó **Co-autoria** Yvette Bíró **Cenário e figurinos** Márton Ágh
Dramaturgia Viktória Petrányi, Éva Zabezsinszkij **Música** János Szemenyei
Supervisão da produção Judit Sós **Direcção de produção** Dóra Büki **Assistência de encenação** Balázs Lengyel
Com Gergely Bánki, János Derzsi, Rudolf Frecska, László Katona, Diána Magdolna Kiss, Annamária Láng, Zsolt Nagy, Roland Rába, Orsi Tóth, Kata Wéber
Direcção técnica e luzes András Élrető **Som e vídeo** Zoltán Belényesi **Adereços** Gergely Nagy
Assistente de guarda-roupa Andrea Szakál **Uma produção** Proton Cinema **Co-produção** alcantara festival, Baltoscandal, Culturgest, KunstenFestivalDesArts, Rotterdamse Schouwburg, Theater der Welt 2010, Théâtre National de Bordeaux, Trafó – House of Contemporary Arts **Apoio** Eky Light, Prop Club **Projecto co-produzido por** NXTSTP **com o apoio do** Programa Cultura da União Europeia **Tradução e legendagem** Zsuzsanna László **Estreia** 21 de Maio de 2010 no Kunstenfestivaldesarts de Bruxelas

Sáb 29, Dom 30, Seg 31 de Maio · 21h00
Antiga Fábrica Simões, Av. Gomes Pereira, nº11, Benfica · Espectáculo ao ar livre
Duração: 2h30 · M16 · Espectáculo em húngaro, com legendas em português

Este espectáculo contém cenas de violência que podem causar desconforto a alguns espectadores.

A premissa de base do espectáculo é a vulnerabilidade humana. Vemos dois camiões em viagem, onde cinco homens mantêm prostitutas contra a vontade destas. Não sabemos de onde vêm nem para onde vão, mas todos desistiram da sua liberdade na esperança de um futuro melhor. O enclausuramento cria um mundo à parte. A caixa sobre rodas é o palco das suas vidas.

Nesta vida em trânsito, os homens fazem as regras e as quatro paredes do camião definem o seu império. Também os seus métodos são imperiais e não lhes faltam os meios do totalitarismo. Sabem o que fazem, e conhecem as regras de andar na estrada, tal como as raparigas estão conscientes do raio de acção que lhes é permitido, as vias e atalhos de quem está à mercê de outrem.

É com esta premissa que surgem as cenas do romance *Que difícil é ser Deus!* dos Irmãos Strugatski. O romance serve de inspiração para a intriga do espectáculo. Não examinamos o romance na sua totalidade, apenas do ponto de vista da distância e responsabilidade divinas, já que é esse o tema central do espectáculo.

Entre os doze viajantes no camião há um infiltrado. Vê o que se passa à sua volta mas de acordo com a sua missão não pode intervir nos acontecimentos. A sua posição é estritamente a do observador, limitado a olhar a sua própria existência humana mas incapaz de fazer algo mais do que ver esta viagem a caminho do inferno. Está presente como Deus, longe da alegria da criação, como observador dolorido. Neste estado de inacção observa o camião recheado de uma grande carga melodramática.

Durante algum tempo. Até que o que há de humano nele prevalece, o humano que é incapaz de permanecer inactivo, cujo elemento vital se está a tornar parte da vida que o rodeia e ele deixa de conseguir distanciar-se. Porque tem coração. Portanto tem de agir. Conhecendo as leis sombrias do camião, a única solução possível parece ser combatê-los com os métodos deles. Violência. Destruição.

No Leste da Europa esta situação transitória é muito familiar: na estrada, ilegalmente e à mercê de outrem, fugindo. É agora um fenómeno universal. Lemos e ouvimos falar dele o tempo todo. Mas só o conhecemos na inacção e à distância dos deuses. Mostrar o dilema da justaposição entre presença inactiva e vida activa num espaço confinado é o objectivo do espectáculo, na luta entre Deus e Homem.

O espectáculo cria uma situação, uma atmosfera, na qual a posição do público como observador também é questionada. A natureza realista dos acontecimentos integra a presença do público, permitindo-lhe colocar também ele as questões da observação. As cenas não-estilizadas no camião são por um lado uma encenação, e por outro fornecem a base para um *reality show* onde estamos ansiosos por abandonar a posição do mirones. Objectos reais, pessoas reais, dois camiões autênticos. Estes são os elementos indispensáveis de uma peça onde não se brinca, na qual escolhemos entre os papéis e responsabilidades humanos e divinos, na qual surge a questão: permaneceremos observadores ou tornamo-nos humanos?

O espectáculo também aborda o assunto actual das ideologias radicais

na Europa. Vemos como, especialmente na Europa de Leste, se vai fortalecendo uma visão política radical, há cada vez mais grupos radicais a emergir. No espectáculo o grupo de homens pertence a um grupo radical com ideias bastante assustadoras sobre a vida e a política. A ideologia é tão radical quanto questionável, mas não deixa de ter fragmentos de verdade, e estes homens estão dispostos a sacrificar a vida por essa centelha de verdade. O filho do presidente também pertence ao grupo, e este facto tem um forte impacto na história.

No processo de criação deste espectáculo pesquisámos a prostituição e o tráfico de pessoas de modo a incluir mais fragmentos de vida. Coleccionámos várias histórias e tentámos espreitar os bastidores. Quem tortura quem? Quem procura abrigo? Quem anda à procura de amor? Quem sobrevive e quem reina neste enorme império de violência?

A abordagem não é documental, embora pudéssemos ter a ideia de pessoas vivendo no fio da navalha. Queríamos mostrar um microcosmos que até Deus tem dificuldade em ver, tal é a escuridão da infelicidade.

Entre os actores, há profissionais e amadores; pessoas que me inspiraram e se tornaram meus parceiros criativos enquanto construíamos uma equipa durante o processo de trabalho. Já tinha trabalhado com parte deles, alguns da antiga companhia Krétakör, outros do *Frankenstein Project*, o nosso espectáculo mais conhecido.

Kornél Mundruczó
Janeiro de 2010

© Márton Ágh



© Márton Ágh





Kornél Mundruczó

Kornél Mundruczó (1975) é uma figura emblemática do cinema húngaro. Como realizador, argumentista e actor criou um universo muito pessoal habitado pelos seus temas preferidos: desilusão, relações familiares disfuncionais, rejeição ou depressão. Todos temas difíceis e que perturbam o público. Realizou *Pleasant Days* (Leopardo de Prata, Locarno 2002), *Johanna* (“Un Certain Regard”, Cannes 2005) e *Delta* (Prémio da Crítica FIPRESCI, Cannes 2008). No teatro começou por trabalhar em 2003 com a companhia Krétakör (que apresentou *A Gaivota* na Culturgest em 2005), mas não tem um grupo próprio, concebendo os seus espectáculos com actores que se tornam parceiros criativos. Os seus últimos trabalhos são *The Ice*, *Frankenstein Project* (cuja versão cinematográfica esteve na selecção oficial do último festival de Cannes) e *Judasevangelium*.

Próximo espectáculo

Vamos sentir falta de tudo aquilo de que não precisamos

De Vera Mantero & Guests
Integrado no Alcantara festival 2010

Dança / Performance

Seg 7, Ter 8, Qua 9 Junho

Palco do Grande Auditório · 21h30

Duração: 1h20 · M12



Na definição etimológica da palavra “objecto” está contida a ideia de objecto como algo “que se dá a ver”, algo que existe ou que “está lá” para ser visto.

Vamos sentir falta de tudo aquilo de que não precisamos mostra-nos objectos do mundo. Entre esses objectos e quem os manipula há um efeito de ricochete, um movimento de revelação de sentidos outros, inesperados. Existe um triângulo entre esses objectos, quem os manipula e o espectador – uma tensão que empurra as margens das ideias e das sensações até à vibração dos símbolos. Perante estes objectos, as ideias são caminhos para outras ideias e, como em todos os caminhos, há troços que se abrem, apertam e bifurcam. Podemos percorrê-los com ritmos e respirações diferentes, como se os pensamentos ganhassem forma pelo modo como pulsam e se friccionam entre si. São objectos do mundo, em contacto e em curto-circuito, algures a caminho entre o

lado material e o lado etéreo das coisas, entre o quotidiano e o onírico, entre o genérico e o excepcional. E, quem sabe, é nesse “trocar as voltas” ao mundo de todos os dias – esse mundo de objectos genéricos para produção, consumo e desperdício – que podemos tocar um outro lado das coisas. Rita Natálio

Vera Mantero destilou esta parada inusitada após meses de leituras, visionamentos, audições, reflexões e conversas, em conjunto com os seus co-criadores Christophe Ives, Marcela Levi e Miguel Pereira. *Vamos sentir falta de tudo aquilo de que não precisamos* é um jogo de associações, por vezes explícito, outras críptico, lúdico ou desconfortável, tangível ou volátil. Desencadeia várias questões, mas quase nenhuma resposta.

Os portadores de bilhete para o espectáculo têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

Conselho de Administração

Presidente

António Maldonado

Gonella

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

Pietra Fraga

Diana Ramalho estagiária

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção e Montagem

António Sequeira Lopes

Produção

Paula Tavares dos Santos

Montagem

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Inês Loução estagiária

Marta Ribeiro estagiária

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Actividades Comerciais

Patrícia Blázquez

Clara Troni

Catarina Carmona

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Eugénio Sena

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de direcção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

coordenador

Paulo Abrantes

chefe de áudio

Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo chefe

Nuno Alves

Maquinaria de Cena

José Luís Pereira chefe

Alcino Ferreira

Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Recepção

Sofia Fernandes

Ana Sofia Magalhães

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Colecção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

António Rocha estagiário

Soraia da Silva estagiária

Susana Sá estagiária

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 - Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt - www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo

